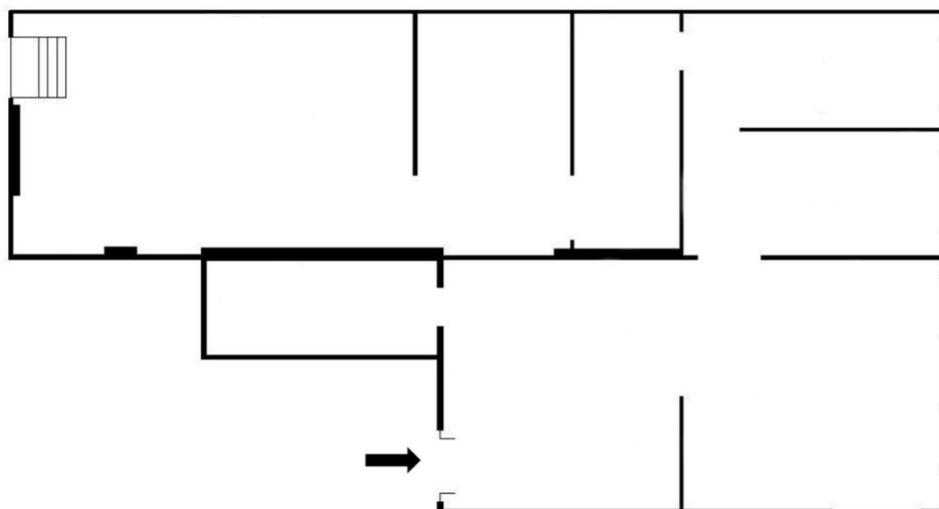


17.11.2022 - 31.12.2022



1)
Nome #1 (2022)
Miguel Ângelo Rocha
contraplacado marítimo
51 x 317 x 63 cm

2)
Nome #2 (2022)
Miguel Ângelo Rocha
contraplacado marítimo
56 x 180 x 63 cm

3)
XXXXXX
Dalila Gonçalves
XXXXXX
XXXXXX

4)
Em branco (2022)
Rita Gaspar Vieira
papel de algodão manufacturado sobre o
chão do atelier da artista, objectos de papel
de algodão manufacturados e corda de
algodão
dimensões variáveis

5)
Wine Drawings #010 a #16 (2018)
Edgar Massul
borra de vinho tinto e água sobre papel
fabriano
59 x 42 cm

6)
Pontear (2022)
Dalila Gonçalves
Bobinas de madeira usadas de teares
antigos, corda tingida, lixa usada com restos
de diferentes madeiras, garra de metal com
bola de cristal usada em bancos antigos de
pianista, mecanismo giratório, base de
madeira
dimensões variáveis

7)
Atrapa Sonido (série Atrapa Sonidos) (2019)
Dalila Gonçalves
Atrapanovios (peça de artesanato tradicional
mexicana feita com folhas de palmeira),
lixas de madeira gastas em carpintarias
Portuguesas e Brasileiras, mecanismo de
rotação, base de madeira, garra de animal
com bola de cristal usada como base em
bancos antigos de pianistas
dimensões variáveis

8)
Ápice Lento (2022)
Catarina Mil-Homens
Fio de algodão, carvão, papel
dimensões variáveis

9)
Um pedaço, do mesmo chão (2022)
Rita Gaspar Vieira
papel de algodão manufacturado com grafite
em pó sobre o chão do atelier da artista,
pedaço de planta do jardim cortado por poda
e arame revestido
XXXXX

10)
*Próximo da fonte. Escrevo-te para ser o
mais errado possível, perdemos o sabor
original* (2022)
Edgar Massul
ardósia negra, luz uv-a, água fluorescente,
bomba de água submersível, tabuleiro,
panos, ramos de eucalipto, canas.
dimensões variáveis

11)
Segurei-te o pôr-do-sol (2008-2022)
André Banha
madeira de pinho
dimensões variáveis

12)
Nome #3 (2022)
Miguel Ângelo Rocha
contraplacado marítimo, tinta acrílica
63 x 46 x 35 cm

[tempo] destempo

ANDRÉ BANHA CATARINA MIL-HOMENS DALILA GONÇALVES

EDGAR MASSUL MIGUEL ÂNGELO ROCHA RITA GASPAR VIEIRA

CURADORIA: RICARDO ESCARDUÇA

Apoio:



Parceiro media:



[tempo] destempo

«A história deve ter um começo, um meio e um fim, mas não necessariamente nessa ordem». Abatendo-se com estrondo sobre a narrativa cinematográfica, o aforismo revolucionador de Jean-Luc Godard pode relacionar-se, por aproximação, com a interrogação dos modos de usar a ideia de tempo, e da ideia de tempo ela-mesma, que rasgou uma fissura epistemológica no véu positivista da história da humanidade, e, em reciprocidade, da história da arte.

Suspendendo o recorte cronológico do tempo em fragmentos estáticos de contornos estanques, a edificação linear do tempo segundo uma ordem discursiva de sentido unidireccional, instalados pelo *zeitgeist* que salvaguarda os códigos epocais de validação e significação, surgem, a destempo, anjos-maus da história, acontecimentos fora do tempo que vêm perturbar o ideal que inscreve, e encerra, cada objecto, cada imagem, na cegueira da luz intrínseca à sua contemporaneidade. Diz-nos Georges Didi-Huberman: estar diante de uma imagem é estar diante do tempo; é abrir o seu leque, activar a fecundidade dos diferenciais de tempos que estão emaranhados nas profundidades de cada imagem, já que esta só é pensável através da dialética do anacronismo, das discontinuidades e sobrevivências que não só transporta como projecta além ou aquém da sua temporalidade. Pensar a história e o tempo através da imagem, através da arte, é romper o véu que firma um demasiado-no-presente ou demasiado-no-passado, e lançar as possibilidades de recomposição, movimentos de aproximações ao antes, um mais-do-que-o-passado, e de recuos do actual, um mais-do-que-o-presente. É des-cronologizar.

Não nos interessam as aspirações indesejáveis das narrativas pós-modernas a um suposto equilíbrio letárgico no fim do tempo e da história, o cúmulo universalista que, totalitariamente e paradoxalmente, amalgama o pluralismo, absorve a margem e neutraliza o potencial de mudança do conflito entre antagonismos. Não nos interessam os excessos subversivos das acelerações modernistas, a ideia de tempo e história necessariamente e exclusivamente enquanto salto radical, que cancela as anterioridades e as suas próprias contemporaneidades. Interessa-nos, sobretudo, a fissura dialética da des-cronologização, interessa-nos o destempo da fricção, colisão, intersecção de temporalidades antagónicas e anacrónicas.

Importa o potencial de sobredeterminação temporal activado pelas obras de Miguel Ângelo Rocha, Rita Gaspar Vieira, Dalila Gonçalves, Catarina Mil-Homens, Edgar Massul e André Banha, e pelos intervalos, ressonâncias, tangências e distâncias que o corpo encontra no espaço. Nos trabalhos reunidos em *[tempo] destempo* encontra-se uma abordagem formal que, nos materiais, processos e composições e nas preocupações e indexantes individuais, próprios a cada artista, torna sensível um olhar crítico comum

sobre o pensamento do tempo e do presente: uma policronia constelar no interior de cada obra, uma montagem de temporalidades heterogéneas. Ocupam o espaço procurando o desacordo do fluxo do corpo entre obstáculos e proximidades, uma fenomenologia do tempo que acontece no descoser da ordem cronológica entre princípio e fim – o porvir que emerge de um caminho às arrecuas, um *loop* às avessas, por que não?

«Não existe presente, apenas um devir», o *continuum* de mudança perpétua que pode revolucionar os horizontes dos tempos. Este potencial de sobredeterminação procura perturbar a massa mole do presentismo esvaziado de legados pelo modernismo e de propósitos pelo pós-modernismo. O torpor do espectáculo, a apatia da incerteza, que confinam ao impasse de um *aqui e agora* que parece imóvel e eterno numa miríade de efemeridades *Sísificas*, e coloca o movimento entre um passado e um futuro e a experiência de um presente em crise, em conflito com a essência de algo vivo. Na verdade, estamos demasiado no presente.

Perante este presentismo que nos amarra, importam as ausências e intermitências, as negatividades e invisibilidades nas noites dos tempos. *[tempo] destempo* está com o presente. Porém, não está no presente; é, antes, seu antagonismo, extemporaneidade discrónica do ser contemporâneo. A sua contemporaneidade adere ao presente porque o estranha, porque persegue uma tensão. É sintoma de anacronismos num presente temperamental que tenta reconfigurações imagináveis do passado e do futuro. É necessário criar novas ficções, novas esperanças.

Ricardo Escarduca

¹ Estas ideias constam, de modo aprofundado, de *Diante do tempo, história da arte e anacronismo das imagens*, Georges Didi-Huberman (trad. Luís Lima), ed. Orfeu Negro (2017).

² Goethe citado em *Apologia da história ou o ofício do historiador*, Marc Bloch (trad. André Telles), ed. Jorge Zahar Editor Ltda (2002).

³ Giorgio Agamben, «What is the contemporary?», em *What is an apparatus?, and other essays*, (trads. David Kishik e Stefan Pedatella), Stanford University Press (2009).